



isto é inconfidência

BOLETIM INFORMATIVO DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA

ANO XIX • Nº 44 • 2017



Autos de Devassa da Inconfidência Mineira - II

páginas 4 e 5

editorial

O esforço que as gerações mais recentes vieram fazendo para levantar o perfil verdadeiro de Joaquim José da Silva Xavier e chegar a uma compreensão mais crível da morte de Cláudio Manoel da Costa acabou contribuindo para a definição dos limites de credibilidade da massa documental constituída pelos Autos de Devassa da Inconfidência Mineira.

Nascido em família rica e poderosa, órfão de pai e mãe aos oito anos de idade, Tiradentes foi criado pelo padrinho e, em consequência, não teve condições de, à semelhança de irmãos, frequentar um estabelecimento de nível superior. Mas contou com inteligência suficiente para se converter em personalidade marcante. Chefiando, na condição de Alferes, grupo de vigilância que atuava no chamado Caminho Novo, por onde circulava o ouro que seguia para desembarque em Portugal, graças ao conhecimento que conseguiu acumular da região da Mantiqueira, acabou sendo incumbido pelo governador Luís da Cunha Meneses de obra que exigia a competência de verdadeiro engenheiro. Um desvio para encurtar a estrada. Ele estava longe de corresponder ao retrato depreciativo que dele fizera a ingenuidade de dezenas de estudiosos que aceitaram sem contestação os depoimentos constantes do documento legal. Por outro lado, a morte de Cláudio, grande poeta e intelectual, não resultou de suicídio, como foi referida no atestado de óbito assinado por dois médicos. O exame objetivo da posição em que foi encontrado o cadáver, dependurado numa estante com um dos pés enganchado na prateleira do móvel, acabou permitindo a conclusão de que não havia possibilidade de alguém se enforcar daquela maneira. Nem altura havia para o corpo ficar dependurado.

Os Autos de Devassa acolheram manifestações de desavenças entre companheiros da conspiração – informações convenientemente distorcidas, afirmações falsas, completas mentiras –, e com isso induziu várias gerações a equívocos que muito dificultaram a compreensão de um episódio histórico decisivo para a formação da nacionalidade brasileira. Felizmente, estudos mais avançados estão hoje a permitir uma visão isenta dos acontecimentos políticos de 1789, encaminhando de maneira mais correta a interpretação dos fatos acontecidos e das personalidades neles envolvidas.

Capa:

Foto de Cláudia Klock

isto é inconfidência

ANO XIX • Nº 44 • 2017

ISSN 2177-0212

Presidente da República

Michel Temer

Ministro da Cultura

Roberto Freire

Presidente do Instituto Brasileiro de Museus

Marcelo Mattos Araújo

Diretor do Museu da Inconfidência

Rui Mourão

Publicação do

IBRAM - MinC - Museu da Inconfidência

Praça Tiradentes, 139 • Cep 35400-000

Ouro Preto • Minas Gerais • Brasil

Fone fax (31) 3551 1121 e 3551 5233

inconfidencia@veloxmail.com.br

Tiragem:

1500 exemplares

Periodicidade:

trimestral

Projeto Gráfico:

Laís Freire dos Reis

Editor:

Rui Mourão



Amo demais esse museu e sua equipe.

REBECCA REBECCA | VIA WWW.FACEBOOK.COM/MUSEUDAINCONFIDENCIA

Permiti-me três horas de visita atenta e cuidadosa. A equipe é de uma simpatia... Mineiros, vocês são demais! Valeu por todas as aulas de História da minha vida. Mentira, meus professores foram ótimos, mas estar ali, cara a cara com os objetos e naquele lugar, foi inesquecível para mim, que tenho orgulho de ser brasileira.

BRUNA MAIA | VIA GOOGLE MEU NEGÓCIO

Fenomenal. Melhor museu do Brasil.

ROGÉRIO AMADO | VIA GOOGLE MEU NEGÓCIO

Este moderno Museu conta em detalhes o que foi a Inconfidência Mineira, desde seu nascimento até o túmulo dos inconfidentes. Vale muito a pena ir, até com crianças, para presenciar o que foi este imenso movimento social de revolta contra a exploração da Coroa Portuguesa.

MANOEL MARCONDES | VIA GOOGLE MEU NEGÓCIO

It was great to learn so much about a slice of Brazilian history and the staff were very friendly and accommodating of our requirements.

DAMIEN SHIELDS | VIA GOOGLE MEU NEGÓCIO

Amplio acervo, museu bem cuidado e com equipe atenciosa.

RAFAEL COELHO | VIA GOOGLE MEU NEGÓCIO

Uau! Só alegria em todas as fotos! Clima para lá de bom!

HELENA SANTOS

VIA WWW.FACEBOOK.COM/MUSEUDAINCONFIDENCIA, SOBRE A OFICINA "OUVIR, CRIAR E NARRAR: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E A INCLUSÃO DE PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS" MINISTRADA NO DIA 26 DE NOVEMBRO NO SETOR EDUCATIVO, CASA DO PILAR.

A visita é uma obrigação social de qualquer brasileiro. Lugar incrível e inesquecível. É uma aula de História, com acervo de impressionar e funcionários altamente preparados.

NATACHA ALANA | VIA GOOGLE MEU NEGÓCIO

Museu espetacular, todo brasileiro deveria visitá-lo para conhecer um pouco da nossa história. Também foi uma grata surpresa conhecer o segurança Paulo André (da empresa TBI), um senhor com grande conhecimento e uma forma especial em explicar as obras e fatos. Nem precisaria dar-nos atenção, já que ele é somente segurança, não um guia. O melhor "guia" que já conheci.

ARNALDO MURASAKI | VIA GOOGLE MEU NEGÓCIO

Adorei tudo! Ministrar a oficina, reencontrar vocês, estar neste espaço lindo e especial, abraçar a Christine e as professoras queridas, e adorei as fotos lindas da Cláudia. Obrigada!

ANA PAULA PAIVA

VIA WWW.FACEBOOK.COM/MUSEUDAINCONFIDENCIA, SOBRE A OFICINA DE LIVROS LÚDICOS ARTESANAIS MINISTRADA NO DIA 25 DE MARÇO NO SETOR EDUCATIVO, CASA DO PILAR.

Acabo de ler duas biografias de Santos Dumont (uma escrita por ele próprio – Meus Balões). Além de gênio, era obstinado e arriscou a própria vida para fazer voar o mais pesado que o ar!

CLÓVIS VENUTO

VIA WWW.FACEBOOK.COM/MUSEUDAINCONFIDENCIA, SOBRE A EXPOSIÇÃO "SANTOS DUMONT: DAS RAÍZES MINEIRAS À ASCENSÃO DO GÊNIO DOS ARES", INAUGURADA EM NOVEMBRO NA SALA MANOEL DA COSTA ATHAIDE.

Excelente museu para conhecer a história da Inconfidência, seus personagens, além de toda a vida cotidiana daquela época. Muito recomendado!

THIAGO RESEK | VIA GOOGLE MEU NEGÓCIO

Maravilhoso, a cada segundo uma nova história!

MARÍLIA RODRIGUES DOZZI TEZZA | VIA GOOGLE MEU NEGÓCIO

Impressionante, adorei. Foi uma recreação da história.

YOLANDA CASTAÑO JAEN | VIA GOOGLE MEU NEGÓCIO

Tenho o prazer de receber o Isto É Inconfidência, que muito aprecio.

MARIA DO CARMO LANNA FIGUEIREDO | DE BELO HORIZONTE

Gostaria de parabenizar a organização da exposição e as informações disponibilizadas. Incluo também a atenção dos seguranças, especialmente do Senhor Marcelo, que foi atencioso e buscou informações para mim no livro do Banco Safra.

SAMIA NASCIMENTO | DE SÃO PAULO, VIA E-MAIL

Recebi o número 42 do Isto É Inconfidência. Trata-se, também, de caso especial de paisagem cultural, pois figura e divulga, no seu nome e conteúdo, a memória da Inconfidência, instalado na cidade mor da história colonial, no sentido próprio como no figurado. E mais: com maior felicidade, encontraram para representá-lo the right man at right place: um mineiro, historiador e escritor... São as páginas desse boletim que me oferecem, longe de casa, o estilo, a sintaxe, o tom e a melodia de nossa fala. E ao prazer da leitura me trazem a alegria de encontrar gente vizinha em terra estranha. Parabéns, Rui Mourão. Muito obrigada: pelo que realiza e pelo que escreve.

MARIA JOSÉ DE QUEIROZ | DO RIO DE JANEIRO, VIA E-MAIL

Recebi e li, com muito gosto, o último boletim do museu. As informações histórico-culturais que o amigo Rui Mourão acrescentou neste número foram do maior interesse. Por elas ficamos sabendo que o Visconde de Barbacena quando de sua governadoria era não mais que um mancebo, mas muito esperto. Foi ele que implantou a mineirice. Continue com estes textos memoriais que conferem qualidade à edição.

JOSÉ MARIA COUTO MOREIRA | VIA E-MAIL

Muito bonita a parceria que ofereceram ao Museu de Cabangu. Tivemos apreciação de visitantes que elogiaram a homenagem a Santos Dumont em Ouro Preto. Recebam nossos agradecimentos pela atenção e envio das cartilhas e os cumprimentos pelo belo estudo de divulgação que terão finalidade de pesquisas em nossa biblioteca.

MÔNICA CASTELLO BRANCO HENRIQUES | DA FUNDAÇÃO CASA DE CABANGU, VIA E-MAIL

Participar deste magnífico evento foi uma experiência maravilhosa para a Associação HamTai - Humanos Amantes de Tai Chi Chuan e Congêneres. Agradecemos imensamente pela oportunidade. Contem conosco sempre.

DIANA ANTONIA DOS SANTOS

VIA WWW.FACEBOOK.COM/MUSEUDAINCONFIDENCIA, SOBRE A ABERTURA DA MOSTRA BARROCO X CHINESICE

É uma verdadeira viagem ao passado, inesquecível! Sem contar os mineirinhos simpáticos e acolhedores.

JAIRA LOPES DE SOUZA
VIA GOOGLE MEU NEGÓCIO

Essa é a documentação produzida pela justiça, que veio sendo lida e relida por gerações de estudiosos e permitiu a interpretação tradicional que ainda hoje predomina sobre a Inconfidência Mineira. A população de um modo geral, informada sobre a biografia dos grandes poetas que participaram da conjura e o envolvimento deles com mulheres que se tornaram suas musas, acabou formando a ideia de uma romântica e apaixonada empreitada, repleta de idealismo, um sonho de resultados trágicos com a independência do país. Tal concepção nascera do entendimento de que a verdade – a versão correta dos fatos, a intriga completa, a personalidade dos participantes –, estaria definida para a eternidade naquelas peças processuais produzidas com a participação dos juizes que compuseram os tribunais. Apoiados nelas e sem outra perspectiva, estudiosos se revezavam, produzindo comentários contra e a favor da trama acontecida em Vila Rica. Até aquela altura, dois livros completos haviam sido produzidos. *A Conjuração Mineira*, de autoria de Joaquim Norberto de Sousa e Silva, do século XIX, e *A Inconfidência Mineira. Papel de Tiradentes na Inconfidência Mineira*, de Lúcio José dos Santos, publicado em 1822, no momento em que se comemorava o centenário da independência. O primeiro, uma condenação da ousadia mineira, o segundo um estudo completo, detalhado e compreensivo do movimento, embora dependente da exclusiva leitura dos Autos.

Autos da Devassa em Minas Gerais - II

Durante anos, não haveria mudança de atitude daqueles que se ocupavam da Inconfidência. Articulistas das mais variadas procedências continuaram realizando a leitura dos *Autos* e publicando uma infinidade de trabalhos, invariavelmente tomando posição contra ou a favor da monarquia portuguesa, sem se preocupar com uma análise mais detida dos depoimentos. Com o tempo, essa situação começou a mudar. As gerações que se sucediam passaram a examinar a documentação com novo olhar. Hoje não temos dúvida, os depoimentos – aquilo que sustentava praticamente todas as interpretações –, constituem a parte mais duvidosa e comprometedora de todo o conjunto. Ao se pronunciarem diante dos julgadores, as pessoas estavam procurando se defender. Torciam os fatos, inventavam, faziam acusações a companheiros, despiavam da forma que fosse possível. A aceitação acrítica de manifestações de companheiros foi responsável, por exemplo, pela opinião desfavorável que se fez e, com grande ingenuidade, muita gente continua fazendo sobre Tiradentes.

A Inconfidência não teve uma liderança que unificasse o pensamento do grupo e estabelecesse o caminho da ação a ser desenvolvida. Tiradentes, um revolucionário verdadeiro, convivendo com intelectuais e padres que primavam pela discrição, com negociantes, fazendeiros e militares que tinham razões próprias para querer preservar sua imagem pública, partiu para

tentar fazer arregimentação popular e acabou expondo o movimento e todos os que nele se achavam envolvidos. No momento em que a conspiração virou caso de polícia, a indignação geral se voltou contra ele. Passou a ser o grande culpado e sobre ele recaíram as opiniões mais desfavoráveis. O ódio ficou registrado nas páginas do processo. De que forma foi pintada a figura, o caráter e a condição social do homem que hoje a consciência lúcida dos brasileiros reverencia como quem talvez mais contribuiu para a formação de nossa nacionalidade? Ele era feio, espantado, ignorante e pobretão.

Na verdade, quem foi Joaquim José da Silva Xavier, o cidadão exemplar que certos setores da população, até em virtude de disputas regionais, ainda insistem em não encarar com a seriedade que merece? Nascido na família de fazendeiro de recursos, que contava com cinquenta escravos e possuía cinco minas de ouro produtivas em propriedade na região situada entre São João Del Rei e Tiradentes, hoje transformada no município de Ritópolis, o menino logo ficaria órfão de mãe e, aos sete anos, perderia também o pai. Foi criado por um tio e padrinho, dentista com quem aprendeu a prática da profissão responsável por seu cognome. Os irmãos foram ordenados padre, ele ficou sem frequentar curso superior. No Brasil daquela época só existia ensino desse nível na área religiosa, que não correspondia a sua vocação. Para outras carreiras, era obrigató-



CONDENAÇÃO DE TIRADENTES, POR LEOPOLDINO DE FARIA (1836-1911). REPRODUÇÃO/CLÁUDIA KLOCK - MUSEU DA INCONFIDÊNCIA

ria a partida para a Europa, tornada inviável no seu caso. Primo primeiro do botânico frei José Mariano da Conceição Velloso, autor da monumental obra *Flora Fluminense*, de onze volumes, e organizador do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, aprendeu com ele as virtudes medicinais das plantas brasileiras. Não foi por outra razão que, ao lado da odontologia, exerceu também a medicina prática. Com essas habilidades, mais do que necessárias no Brasil daquele tempo, andou pelo sertão afora, onde se apresentava ainda como tropeiro e às vezes minerador. Aos 29 anos, ingressaria na carreira militar, no posto de alferes. Comandando a patrulha do chamado Caminho Novo, de ligação com o Rio de Janeiro, se tornou grande conhecedor da região da Serra da Mantiqueira. Graças a isso, recebeu do governador Luis da Cunha Meneses incumbência não pequena. Construir uma variante da estrada, para encurtar seu percurso, pesquisar a existência de ouro e verificar a conveniência do estabelecimento de novas vilas naquele espaço. No desenvolvimento da empreitada, descobriria oitenta e dois locais possíveis de mineração. Havendo obtido autorização para explorar a metade, em pouco tempo se tornou uma pessoa de posses. Antes do comprometimento com o processo da Inconfidência, já havia podi-

do doar uma fazenda a Antônia Maria do Espírito Santo, mãe de sua filha Joaquina, e o sequestro de seus bens viria revelar, ele chegara a possuir patrimônio oito vezes superior ao do ouvidor Tomás Antônio Gonzaga, figura máxima da justiça em Vila Rica, e duas vezes maior do que o do seu comandante coronel Francisco de Paula Freire de Andrada, filho natural do segundo Conde de Bobadela, governador e integrante de uma das mais importantes famílias da colônia. Além de ter sido incumbido da missão na Serra da Mantiqueira, onde realizou trabalho de verdadeiro engenheiro, foi de autoria dele – como se sabe desde a divulgação feita pelo historiador Mello Moraes Filho – os planos para a construção de moinho, trapiches e canalização do rio Andaraí, projetos mais tarde executados. Tiradentes era, como se vê, alguém que não combinava com o retrato feito por esse ou aquele companheiro de infortúnio.

Outro registro dos Autos que vem sendo objeto de muita discordância, mesmo com o atestado médico que pretendeu autenticá-lo, diz respeito à morte de Claudio Manoel da Costa. A versão do suicídio foi durante muitos anos aceita, mas ao se impor o espírito crítico, a tese do assassinato passou a prevalecer. A leitura dos autos, onde o poeta aparece em seu depoimento envolvendo o governador na conspiração e principalmente o relato da posição em que foi encontrado o cadáver na Casa do Contrato não combinam em absoluto com aquilo que se procurou tornar público. O inconfidente ficou alojado num armário que não contava com altura suficiente para um homem se debruçar em enforcamento e ainda estava com uma perna flexionada para encontrar lugar no espaço exíguo, com o pé apoiado numa das prateleiras do móvel.

Além da suspeita de o governador ter mandado eliminar o depoente que o comprometera, existiam mais pessoas que desejavam vê-lo desaparecer antes que voltasse a novo interrogatório. Cláudio fora advogado de minerador, minerador, depois banqueiro. Era pessoa de grandes posses e nessa condição constituía uma espécie de elemento de ligação entre os intelectuais e os homens do dinheiro. Em suas únicas declarações perante os inquisidores, deixara mal seu maior amigo, Tomás Antônio Gonzaga. Seria razoável admitir que, numa segunda convocação para o mesmo fim, poderia vir a comprometer alguém do grupo dos abonados. Quando todos os companheiros de conspiração haviam sido encaminhados para prisão no Rio, ele fora recolhido a uma dependência da casa do contratador João Rodrigues de Macedo. No dia em que ocorreu a morte, a guarda da casa tinha sido trocada. Não deixa de ser um fato a considerar que a denúncia da conspiração fora feita por Joaquim Silvério dos Reis, também contratador e integrante do grupo dos ricos. Essa gente não poderia ter sido responsável pela morte?

No casarão hoje denominado Casa dos Contos, onde morreu Claudio, residência e sede dos negócios de João Rodrigues de Macedo, aconteceram reuniões conspiratórias. Só essa constatação seria suficiente para se concluir que o contratador participava do movimento, mas seu nome não apareceu citado no processo. O perfil desse personagem precisa ser bem explicitado. Além de explicar o seu não comprometimento com o processo, nos permite supor, devem ter sido intensos os arranjos por ele protagonizados atrás das cortinas. Portugal não mantinha nenhuma repartição que se ocupasse da cobrança de impostos. Abria concorrência pública e o vencedor é que se incumbia da tarefa. João Rodrigues de Macedo, àquela altura dos acontecimentos, tornara-se a figura central desse processo. Ele alegava que a cobrança relativa a um exercício demandava três, quatro anos. Em função disso, retinha consigo fabulosa massa de dinheiro que aplicava a juros. Possuía em suas mãos as pessoas de comando da sociedade e tornara-se proprietário de fazenda de gado, de açúcar, de algodão, de fumo. O protelamento dos acertos de conta com a metrópole fizera dele um devedor de proporções inusitadas e o ministro Martinho Mello

Castro vinha tomando providências para resolver a situação. O rompimento com Portugal representaria a solução definitiva dessa pendência. Manitti, ouvidor de Sabará, que funcionava como secretário da devassa, homem venal e pouco confiável, ligado por negócios a Macedo, com toda a sua experiência deixara de exigir o juramento sobre o livro sagrado e consequentemente não formalizou o atestado dessa exigência por uma comissão, como prescrevia a lei. Teria anulado por conveniência o depoimento Cláudio? Haveria previsão de que o caso poderia envolver risco? O nome do contratador não aparece em nenhuma fase do processo, mas seu contador, Vicente Vieira da Mota, foi um dos inconfidentes punido com degredo na África.

O brasileiro Kenneth Maxwell, de nacionalidade inglesa, que vive nos Estados Unidos, pesquisando principalmente na documentação da receita, escreveu o livro que na tradução brasileira tomou o título de Devassa da Devassa. Trata-se de obra que, em nossos dias, mais novidade trouxe para o entendimento da Inconfidência Mineira. Ele é que veio revelar, o acontecimento político de 1789 não foi apenas ação marcada pela presença de intelectuais, religiosos e grandes poetas que viveram uma inolvidável saga romântica. Participando do movimento, ou por trás dele, havia um grupo de homens de negócio que jogava decisiva cartada contra Portugal. Desejava ampliar as possibilidades de comércio com o mundo ou enxergava a possibilidade de salvar seu patrimônio, quitando dívidas que no passado cresceram de forma inusitada, criando um capital que não se poderia perder. Kenneth Maxwell deixou claro, existem indícios muito sérios de que dificilmente João Rodrigues de Macedo não tenha participado da conspiração.

O processo completo da Inconfidência, acrescido da documentação externa que lhe vem sendo acrescentada, mesmo com todos os reparos que sobre ele talvez continuem sendo feitos, é peça fundamental da história brasileira. Sua significação se projeta até sobre o processo da independência. Para compreender isso basta que se considere, o grande herói brasileiro, mito fundamental da formação da nacionalidade, não é D. Pedro I, é Tiradentes. A Inconfidência Mineira teve para o país mais significação do que a independência. A data de 1879 deve ser mais comemorada do que a de 1922, simplesmente porque a conspiração foi uma manifestação da população brasileira pela autonomia e a independência não passou de um arranjo diplomático de cúpula, inclusive com a interferência de uma nação estrangeira.

Quando D. João VI veio para o Brasil, fugindo de Napoleão Bonaparte, chegou sob a proteção da esquadra inglesa, que ficou ancorada na Baía de Guanabara. Não será forçar muito dizer que o rei português se livrou da ameaça francesa para se tornar prisioneiro dos ingleses. Esses há muito desejavam negociar com o Brasil, mas se viam prejudicados pela exclusividade do nosso comércio, só possível com a metrópole. Valendo-se da posição de mando que passaram a ter, por se encontrarem nas costas brasileiras, impuseram a D. João VI a abertura dos portos. Quando, ao ter que retornar a Portugal, o rei pretendeu novamente fechá-los, a Inglaterra simplesmente impediu. E passou a partir dali a monitorar a situação, tentando convencer os portugueses da conveniência de a colônia se tornar independente. Mais cedo ou mais tarde isso iria ocorrer e seria melhor que o assunto fosse encaminhado de maneira controlada. O que aconteceu, todos nós sabemos. Criou-se o império, que seria dirigido ainda por um integrante da família dos Bragança. A Inglaterra, através do Banco Rotschild, emprestaria ao Brasil grande soma de dinheiro para que a metrópole fosse devidamente indenizada pela perda sofrida. Podemos ver aí até o início da dívida externa brasileira.

O valor do conjunto de Ouro Preto se manifesta em vários aspectos: no urbanismo típico da cidade surgida a partir da exploração do ouro, no casario dos séculos XVIII e XIX, na paisagem composta por massa edificada e vazios, formando visadas únicas e surpreendentes.

Como qualquer cidade que chegou até os dias atuais, Ouro Preto tem passado por diversas modificações, como o crescimento populacional e o conseqüente adensamento construtivo. São muitos os desafios para os técnicos responsáveis pela elaboração das normas que regulam essas modificações e para o projetista que atua na cidade, sendo o maior deles conciliar desenvolvimento e preservação do patrimônio.

Em 1916, Alceu de Amoroso Lima, Tristão de Ataíde, escreveu um artigo denunciando o estado de má conservação em que estava a cidade. Essa atitude despertou o interesse dos modernistas, que buscavam, na época, a criação de uma arte de identidade nacional. Para eles, Ouro Preto possuía a arquitetura legitimamente brasileira que buscavam.

Em conseqüência, Ouro Preto passou a destacar-se no âmbito nacional, o que resultou na declaração da cidade como Monumento Nacional em 1933.

Esse título não trouxe, aparentemente, conseqüências em termos de política de preservação na cidade. A inexistência de um órgão fiscalizador e normativo inviabilizou o processo. Mas a Prefeitura Municipal começou a esboçar as primeiras normas para a preservação da cidade. Em 1931 e 1932 são promulgados dois decretos definindo que as edificações deveriam manter seu estilo arquitetônico no caso de intervenção, conservando as características do chamado estilo colonial.

Em 1937 o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional é criado. A postura do órgão refletia o pensamento sobre restauração e preservação da época. O que passou a ser feito se baseava no restauro estilístico, buscando-se dar às edificações características do estilo colonial. Não que o SPHAN tornasse obrigatório aos proprietários demolir imóveis de outros estilos, mas quando desejavam intervir na edificação, para aproximá-la das características do estilo colonial, isto era imediatamente aceito. Quanto às edificações novas, um estilo colonial simplificado deveria ser adotado.

Até esse momento o SPHAN fazia análises caso a caso das intervenções propostas pelos proprietários. Com o crescimento da cidade, em especial nas décadas de 50 e 60, tornou necessário a criação das primeiras normas para análise de projetos. O emprego de elementos arquitetônicos tradicionais acabou por dar origem ao chamado "estilo patrimônio", termo ainda hoje utilizado na cidade. Mesmo as ruas novas eram construídas nesse estilo, extensivo aos bairros das áreas periféricas. De acordo com Lia Motta, as normas do IPHAN tornaram-se ainda mais restritivas com o passar do tempo, exigindo medidas específicas para marcos de portas e janelas, acabando por criar no ouropretano a mentalidade de que todas as casas deveriam ser construídas dessa maneira.

Em 1968, ficou evidente que a expansão da cidade deveria ser planejada para poder ser controlada. Para isso, foram criados os planos de preservação. O primeiro deles foi de Viana de Lima. Esse arquiteto português foi convidado como consultor da UNESCO para elaborar um esboço do Plano Diretor da cidade. O foco era a cidade antiga, que deveria ser consolidada. Seria criada uma cidade satélite ao lado da original,



PRAÇA TIRADENTES. OURO PRETO, 1989, EDUARDO TROPIA

que por sua vez teria um cinturão verde circundando-a, com o objetivo de conter o crescimento e servir de anteparo visual entre a parte antiga e a nova.

Para a Praça Tiradentes, local articulador das principais vias da cidade, além de centro comercial de grande importância, propôs um rearranjo a fim de que o local pudesse servir a atividades culturais, como espetáculos e concertos. Deveriam ser removidos os carros e a estátua de Tiradentes. No térreo das edificações existentes, deveriam ser instaladas atividades comerciais voltadas para o turismo. A prioridade era, como se vê, evitar a expansão e a conseqüente descaracterização da cidade, destinando-a exclusivamente ao turismo.

Os estudos de Viana de Lima visavam elaborar um plano diretor para a cidade, porém eles não foram concluídos. Depois de ter apresentado o segundo relatório em 1972 à UNESCO, o arquiteto passa a participar na elaboração do plano de Conservação, Valorização e Desenvolvimento de Ouro Preto e Mariana, elaborado pela Fundação João Pinheiro e publicado em 1974.

Esse Plano contou com um grupo pluridisciplinar, que deu prioridade tanto à função turística da cidade quanto à educacional. A Universidade Federal de Ouro Preto havia sido criada em 1969 com a incorporação das Escolas de Farmácia e de Minas. Segundo este Plano, no centro histórico propriamente não deveria haver zonas de expansão. As intervenções ficariam restritas aos projetos de paisagismo e restauração, às reformas internas de edificações e à reconstrução daquelas que ruíram.



Deveriam ser semelhantes ao que preexistia com o objetivo de proporcionar harmonia visual ao núcleo histórico.

Como aconteceu com o Projeto Viana de Lima, o Plano da Fundação João Pinheiro não foi implantado. Dessa vez, por falta de interesse do poder público na aplicação da proposta.

Quando Aloísio Magalhães assume o SPHAN em 1979, ele propõe novo plano, que se caracterizava por uma tentativa de maior inclusão das comunidades locais nas políticas de preservação, dentre outras, da cultura e do meio ambiente. Um seminário realizado na cidade juntamente com os órgãos municipais de cultura e educação deu origem a um documento denominado Projeto Ouro Preto. Foi proposta a implantação de um Escritório Técnico do IPHAN em Ouro Preto, bem como a candidatura da cidade como Patrimônio da Humanidade, título conquistado em 1980, e ainda preparação de carta geotécnica. Como Ouro Preto possui problemas com relação às construções em áreas de alta declividade, tornou-se indispensável mapear as de risco; imediata eliminação do tráfego de veículos no centro histórico; definição e implantação de zonas de expansão urbana; elaboração de Planos Especiais de Apoio Financeiro para a preservação e revitalização de bens culturais em poder de particulares; criação de Grupo de Trabalho (GT) integrado por representantes das áreas federal, estadual e municipal, o que em 2006 acabou sendo reimplantado pelas leis municipais.

O conjunto de Ouro Preto continua se expandindo. Em 2006, com a implantação da Lei de Uso e Ocupação do Solo - LUOS e a criação da Secretaria Municipal de Patrimônio e Desenvolvimento Urbano – SMPDU, ocorrem mudanças na gestão do patrimônio, desta vez integrando aspectos urbanísticos com a necessidade de preservação da cidade.

A SMPDU passou a atuar juntamente com o IPHAN na proteção e preservação do patrimônio histórico, arquitetônico e artístico. Os dois órgãos eram responsáveis pelo planejamento urbano e uso e ocupação do solo, pela análise e aprovação de projetos de arquitetura e urbanismo, pela fiscalização de obras do patrimônio e parcelamentos do solo no município, bem como as intervenções de restauração e paisagismo.

Embora recentemente a estrutura administrativa da cidade tenha sido modificada, com o setor de Urbanismo voltando à alçada da Secretaria de Obras, ficando a antiga SMPDU transformada em Secretaria Municipal de Patrimônio e Cultura – SMPC, os dois órgãos, IPHAN E SMPC continuam atuando de maneira integrada na análise de projetos arquitetônicos de intervenção na cidade.

Apesar da evolução alcançada nos estudos de proteção ao patrimônio edificado de Ouro Preto, ainda é necessário continuar pensando em políticas para ordenação do desenvolvimento da cidade. Deve-se planejar o envolvimento da população na sua elaboração e investimento em meios de educação patrimonial.

Ainda que Ouro Preto tenha sofrido perdas e descaracterizações, temos que reconhecer, é preferível essa situação a ficar como uma cidade estática, existindo apenas para uso turístico. Nos dias de hoje, são poucas as cidades históricas que têm o privilégio de possuir um centro histórico e se constituir num organismo vivo que serve aos seus moradores.

IVANA PERUCCI ESTEVES

ARQUITETA E URBANISTA, MESTRE EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO.

BIBLIOGRAFIA

- BRASIL. **PORTARIA Nº 312 DE 20 DE OUTUBRO DE 2010.** DISPÕE SOBRE OS CRITÉRIOS PARA A PRESERVAÇÃO DO CONJUNTO ARQUITETÔNICO E URBANÍSTICO DE OURO PRETO EM MINAS GERAIS E REGULAMENTA AS INTERVENÇÕES NESTA ÁREA PROTEGIDA EM NÍVEL FEDERAL. DISPONÍVEL EM: <[HTTP://WWW.IPHAN.GOV.BR/BAIXAFCDANEXO.DO?SESSIONID=9CF07846FC29EA9371B961B3F3577D42?ID=2107](http://www.iphan.gov.br/baixafcdanexo.do?SESSIONID=9CF07846FC29EA9371B961B3F3577D42?ID=2107)>. ACESSO EM 02 MAR. 2015.
- FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **PLANO VIANA DE LIMA.** 1970.
- FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **PLANO DE CONSERVAÇÃO, VALORIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE OURO PRETO E MARIANA.** 1975.
- MOTTA, LIA. **"A SPHAN EM OURO PRETO: UMA HISTÓRIA DE CONCEITOS E CRITÉRIOS"**. IN: REVISTA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Nº 22. RIO DE JANEIRO: SECRETARIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL DO MINISTÉRIO DA CULTURA, 1987.
- OURO PRETO. **LEI DE PARCELAMENTO, USO E OCUPAÇÃO DO SOLO. LEI COMPLEMENTAR Nº 93 DE 20 DE JANEIRO DE 2011.** ESTABELECE NORMAS E CONDIÇÕES PARA O PARCELAMENTO, A OCUPAÇÃO E O USO DO SOLO URBANO NO MUNICÍPIO DE OURO PRETO. DISPONÍVEL EM: <[HTTP://WWW.OUROPRETO.MG.GOV.BR/INDEX/DIARIOOFICIAL_PRINT.PHP?IDDIARIOOFICIAL=249&NRO=536](http://www.ouropreto.mg.gov.br/index/diariooficial_print.php?IDDIARIOOFICIAL=249&NRO=536)>. ACESSO EM 02 MAR. 2015.
- RIBEIRO, CECÍLIA. **VIANA DE LIMA EM MISSÃO DA UNESCO NO BRASIL.** REVISTA ELETRÔNICA DO CENTRO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS SOBRE A CIDADE. V. 5, N. 6. 2013. DISPONÍVEL EM: <[HTTP://WWW.IFCH.UNICAMP.BR/OJS/INDEX.PHP/URBANAI/ARTICLE/VIEW/1141](http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/urBANAI/ARTICLE/VIEW/1141)> ACESSO EM: 9 DE AGO. DE 2014.
- SEMINÁRIO INTERNACIONAL: **A EXPERIÊNCIA DE OURO PRETO: UM NOVO MODELO DE GESTÃO PARA CIDADES HISTÓRICAS.** PREFEITURA MUNICIPAL DE OURO PRETO; SECRETARIA MUNICIPAL DE PATRIMÔNIO E DESENVOLVIMENTO URBANO.
- TEIXEIRA, RICARDO DOS SANTOS. MORAES, FERNANDO BORGES DE. **O PLANO DE CONSERVAÇÃO, VALORIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE OURO PRETO E MARIANA E SUAS INTER-RELAÇÕES COM A HISTÓRIA DO PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL NO BRASIL.** REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS URBANOS E REGIONAIS. DISPONÍVEL EM: <[WWW.ANPUR.ORG.BR/REVISTA/RBEUR/INDEX.PHP/PANAI/ARTICLE/1457314442](http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/panais/article/1457314442)> ACESSO EM 7 DE AGO. DE 2014.

Pichação

A pichação feita na madrugada do dia 6 de fevereiro no muro lateral do Museu da Inconfidência foi removida no dia 22 do mesmo mês. O produto usado foi o removedor de tinta spray em fachadas e muros de pedra STARK, doado pelo empresário Francisco Rodriguez Vendrell, da Rocket-Chemical, de Diadema, SP.

Água

O Dia Mundial da Água foi instituído pela ONU em 22 de março de 1992 para conscientizar a população. Em comemoração à data, o Museu da Inconfidência distribuiu aos visitantes exemplares da cartilha do Programa Socioambiental acerca do uso consciente dessa valiosa substância.

Relógio

Em fevereiro, o Museu da Inconfidência estabeleceu parceria com a Fundação Aleijadinho para o conserto do relógio do prédio que abriga a exposição de longa duração. As horas voltaram a ser informadas corretamente na mesma semana.

Barroco X Chinesice

Esteve em cartaz na Sala Manoel da Costa Athaide, durante o mês de abril, a mostra Barroco X Chinesice - A influência chinesa no Barroco Mineiro - Fotografias e Objetos, contendo peças do acervo e de coleções particulares, bem como fotografias do ouropretano Eduardo Tropia. O objetivo foi analisar a presença da China no Brasil por meio de diferentes manifestações artísticas, no século XVIII e início do século XIX, período em que o Barroco estampava os retábulos sacros, as pinturas, as esculturas e o mobiliário, revelando costumes da vida social de uma elite influenciada pelo comércio colonial português.

Santos Dumont

A mostra Santos Dumont: das raízes mineiras à ascensão do Gênio dos Ares esteve em cartaz na Sala Manoel da Costa Athaide de novembro a janeiro, reunindo objetos, imagens e documentos que narram a trajetória do aviador mineiro, relacionando suas raízes em cidades de Minas Gerais, São

Paulo e Rio de Janeiro, até alcançar os ares da capital francesa, no Campo de La Bagatelle, onde atingiu sua grande meta. O objetivo foi lembrar o dia 23 de outubro de 1906, quando passou a ser considerado o "Pai da Aviação", após a conquista do Prêmio do Aero clube da França, pela realização do primeiro voo a uma distância de 60 metros.

Chamamento Público

O Instituto Brasileiro de Museus, Ibram, tornou pública a abertura de inscrições para edital destinado à seleção de novo diretor, em caráter de cargo comissionado, para o Museu da Inconfidência. A escolha será realizada mediante critérios técnicos e objetivos de qualificação, avaliados por Comissão, através de análise de currículo, declaração de interesse e plano de trabalho. Realizado em três etapas, o processo seletivo inclui ainda entrevista oral, de caráter classificatório. Interessados em candidatar-se devem encaminhar os documentos indicados no edital para o endereço eletrônico selecao@museus.gov.br; até as 23h59 de 24 de junho. O edital pode ser acessado no site www.museus.gov.br. O atual diretor, Rui Mourão, após mais de quarenta anos à frente do Museu da Inconfidência, entregou pedido de afastamento, que será atendido após a seleção pública.

Guignard

A tela Paisagem Imaginária de Minas, datada de 1947, de autoria de Alberto da Veiga Guignard, pertencente ao acervo do Museu da Inconfidência, compõe a exposição Guignard e a Paisagem Mineira – o Antes e o Depois, inaugurada no dia 10 de abril no Centro Cultural do Minas Tênis Clube, em Belo Horizonte. A mostra tem entrada gratuita e fica em cartaz até 11 de junho. Reúne obras que retratam as paisagens do estado, temas centrais da produção artística de Guignard.

Atividades educativas

O Setor Educativo promoveu uma série de atividades no fim de ano, com destaque para lançamento de livros sobre educação, oficinas e visitas mediadas. Em novembro, o psicólogo, escritor e contador de histórias Gustavo Gaivota ministrou na Casa do

Pilar a oficina "Ouvir, criar e narrar: a contação de história e a inclusão de pessoas com necessidades especiais."

Livros Lúdicos

O Setor Educativo ofereceu, em março, o segundo módulo da Oficina de Livros Lúdicos Artesanais: "Promovendo a aproximação entre professores, leitores, livros e literatura". A ministrante, Ana Paula Mathias de Paiva, doutora em Educação pela UFMG, orientou os mediadores de leitura na feitura de livros lúdicos artesanais que motivam o prazer de contato com esse suporte, correlacionando arte, ações educativas, conteúdo aplicado, ludicidade e recursos editoriais.

Natal

Outra atividade realizada no Setor Educativo foi a oficina de bolas da felicidade temaris, ministrada por Sarah MacFadem em comemoração ao período natalino. Temaris, ou bolas da felicidade, são esferas bordadas de origem chinesa que se popularizaram no Japão. Simbolizam alegria e felicidade e são tradicionalmente usadas como presentes.

Musas

A revista brasileira de museus e museologia Musas nº 7 publicou o ensaio "Do avesso: a roupa no museu e na ação educativa", da servidora do Museu da Inconfidência Christine Ferreira Azzi. O texto aborda ações educativas e a publicação "Bonecos de papel do Setor Educativo." O download pode ser feito gratuitamente por meio do link www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/01/musas-7.pdf

Semana de Museus

De 15 a 21 de maio acontece a 15ª Semana Nacional de Museus, temporada cultural promovida pelo Ibram em comemoração ao Dia Internacional de Museus (18 de maio). Nesta edição, mais de mil museus de todo o país oferecem ao público três mil atividades especiais, como visitas mediadas, palestras, oficinas, exibição de filmes e muito mais, sob o tema "Museus e histórias controversas: dizer o indizível em museus". A programação completa será divulgada no site www.museus.gov.br.